

A economia, numa tendência negativa?

O presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Albano Franco, traçou ontem um sombrio quadro da economia brasileira. Na reunião extraordinária do Conselho de Representantes da CNI, do Sesi e do Senai, em Brasília, ele afirmou que "os resultados na área econômico-financeira estão distanciados das melhores expectativas e muito longe de poderem ser considerados brilhantes", observando:

— Há, por vezes, sinais de falta de criatividade, originada talvez da ausência de nítidos programas de médio e longo prazos, tendo-se a impressão de uma estafante e pouco produtiva atividade de varejo, do dia-a-dia, sem maiores alterações no quadro geral, inflacionário, recessivo e socialmente penoso.

O presidente da CNI julga "possível que, em grande margem, nossa economia seja tão dependente do Exterior, em tais proporções que inibam um controle eficaz dos fatos econômicos pelos nossos próprios centros de decisão".

Durante a reunião do Conselho de Representantes da CNI, do Sesi e do Senai, o Departamento Econômico da Confederação Nacional da Indústria distribuiu o texto 1º Bimestre de 1982 — Algumas Consi-

A CNI acha que sim, com base no comportamento da economia no começo do ano e nos resultados conseguidos pelo governo — "longe das expectativas"

derações sobre o Desempenho da Economia Brasileira, o qual assinala que "os primeiros números referentes a janeiro e fevereiro permitem que se afirme que o panorama é ainda de tendência negativa".

O documento acrescenta que, como ainda permanecem as dificuldades no cumprimento das metas do Orçamento Monetário, além de outros focos de pressão inflacionária até agora não eliminados, qualquer previsão de inflação ao final do ano inferior a 80% deve ser tomada com a devida cautela. E afirma que, na área do comércio exterior, o superávit acumulado no primeiro bimestre na balança comercial está provocando opiniões divergentes quanto a ser alcançada a meta de saldo positivo de US\$ 3 bilhões ao final do ano.

Desaquecimento

O vice-presidente da Confede-

ração Nacional da Indústria, Paulo Vellinho, na expectativa de reativação do setor industrial de bens duráveis, revelou seu descontentamento ante a hipótese de o governo persistir na política de restrição da demanda daqueles bens.

Tradicional fabricante de condicionadores de ar e aparelhos eletrônicos, Vellinho ficou surpreso com o apelo do ministro Delfim Neto, do Planejamento, aos consumidores no sentido de adiarem a aquisição de um novo carro ou de equipamentos eletrodomésticos. E argumentou:

— Estou convencido de que se faz indispensável uma recuperação racional do desenvolvimento, especialmente no ramo de bens duráveis e na indústria automobilística, que são áreas de utilização intensiva de mão-de-obra. São Paulo, centro de tensão social, será muito afetado.

No Rio, o vice-presidente da Associação Brasileira das Indústrias de Base (Abdib), Eduardo Uchoa, afirmou ontem que a carteira de encomenda das indústrias de bens de capital está chegando ao nível zero, pois não há projetos suficientes que estimulem a retomada não só do desenvolvimento das empresas do setor como da própria economia do País.